

MARIELE SILVA VILELA

TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO PELA CONSCIÊNCIA DO HOMEM

FACER

2002

MARIELE SILVA VILELA



TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO PELA CONSCIÊNCIA DO HOMEM

Monografia apresentada à FACER como requisito para conclusão de graduação em filosofia sob a orientação do professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

S - 30739

Tombo n°	7348
Classif.:
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	27.05.03

FACER
2002

DEDICATÓRIA

A Deus, que se fez presente em todos os momentos firmes e trêmulos e passo a passo, pude sentir a Tua mão na minha, transmitindo-me a segurança necessária para enfrentar meu caminho e seguir. A Tua presença é qualquer coisa como a luz e a vida, e eu sinto que em meu gesto, existe o Teu gesto e em minha voz, a Tua voz.

Aos pais, que, quando a jornada parecia árdua e difícil, o desânimo tentou se apossar, percebi suas faces preocupadas e envelhecidas no correr destes anos, de suas orações, do apoio incondicional para dar-me o melhor. Obrigada pelo silêncio quando eu reclamava, e pelas palavras de estímulo quando eu me calava e precisava de ajuda.

Aos mestres, que não apenas lecionaram, mas ensinaram, foram instrutores e amigos, guias e companheiros, caminhando passo a passo e transmitindo os segredos da caminhada da vida, apoiando quando surgiam as dificuldades. Não foram apenas professores, e sim bons amigos.

Aos colegas, com os quais convivi por muitas horas, compartilhando experiências, alcançando novas aprendizagens. Juntos transpusemos tantas barreiras e carregamos a marca desta experiência. Que tudo isso seja luz em nosso caminho e que a amizade que cultivamos perdure para todo o sempre, a despeito da distância que nos possa separar.

AGRADECIMENTO

A Deus, que por sua imensa bondade, deu-me a vida, sabedoria e persistência para que pudesse ir em busca de meus sonhos e ideais.

Aos mestres que não mediram esforços, dando total apoio, aprimorando o intelecto e formando a personalidade, minha imensa gratidão.

Aos pais, que sonharam dia e noite na longa caminhada, jamais poderei recompensar pelo bem que me dedicaste, meus sinceros agradecimentos.

Aos colegas, a confraternização sadia e eterna de nossa convivência que nos impõe uma promessa – A AMIZADE – um bem supremo, e isso conseguimos.

DESPEDIDA

Estou saindo para uma nova etapa, meus sinceros agradecimentos a esta Faculdade – Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba –, que tanta alegria me trouxe e quero agradecer a todos os funcionários e colegas, com os quais tive oportunidade de conviver durante todo esse tempo que estive por aqui.

EPÍGRAFE

“O conhecimento de espécie mais inferior é o conhecimento não unificado; a Ciência é o conhecimento parcialmente unificado; a Filosofia é o conhecimento completamente unificado”.

André Lalande

“A única coisa de que precisamos para nos tornarmos bons filósofos é a capacidade de nos admirarmos com as coisas”.

Jostein Gaarder

“Se tomarmos exemplos incontestáveis do conhecimento científico, não é difícil avaliar a generalidade das afirmações ali contidas”.

Alan Chalmers

SUMÁRIO

Introdução.....	7
Capítulo I – Ciência: objeto da Filosofia?.....	8
1.1. O que é Filosofia?.....	8
1.2. O que é Ciência?.....	10
1.3. O que é Tecnologia?.....	13
1.4. Criação do Homem.....	15
Capítulo II – Transições.....	17
2.1. Mudança do Mito para o Logos.....	17
2.1.1. A explicação através do Mito.....	17
2.1.2. A Racionalidade (Logos).....	23
2.2. Do Contemporâneo para o Tecnológico.....	27
Capítulo III – Tecnologia e Filosofia.....	30
3.1. Consciência da Transformação.....	30
3.2. Consciência da mudança e criação de um novo conceito de mundo.....	32
Conclusão.....	35
Bibliografia.....	37

INTRODUÇÃO

A tecnologia foi e está sendo de tamanha importância para a sociedade com a sua grande evolução. Podemos citar o exemplo da informática computadorizando o mundo todo, e a internet que une as pessoas de todo o mundo sem nem mesmo se conhecerem. Essa tecnologia foi inserida em nosso mundo, foi bem aceita e pode ser encarada como uma transição do mundo contemporâneo ao tecnológico.

Este trabalho tem por finalidade fazer uma relação entre filosofia e tecnologia, embora pertençam a áreas um pouco diferentes, mas pretende-se também perceber a tecnologia e analisar as similaridades como um ponto marcante de transição para mundo tecnológico, analisando, principalmente, sua relação com a sociedade, e com isso analisar a mesma como objeto de reflexão.

O primeiro capítulo trata do questionamento se a ciência seria um objeto da filosofia, constando os conceitos de Filosofia, Ciência, Tecnologia e tratando também a tecnologia como uma criação do homem, mostrando algumas vantagens e desvantagens dessa era tecnológica.

No segundo capítulo encontramos transições do mito para o logos e do contemporâneo para o tecnológico. Na primeira, onde o mito explicava com suas histórias, onde nem sempre eram compreendidas para a racionalidade, onde procurava-se pensar para compreender os acontecimentos. Já a segunda transição é o que vivemos hoje, com o mundo em plena transformação tecnológica.

O terceiro capítulo trata a relação da tecnologia com a filosofia, constando a consciência da transformação, o homem se conscientizando de todas as transformações que vão ocorrendo com suas respectivas vantagens e desvantagens, e também a importância dessa mudança e a criação de um novo conceito de mundo, ou seja, o mundo tecnológico.

CAPÍTULO I

CIÊNCIA: OBJETO DA FILOSOFIA?

O QUE É FILOSOFIA?

É comum encontrar vários conceitos de filosofia, cabe a cada pessoa escolher o que mais se adequa ao seu pensamento ou, até mesmo, formular seu próprio conceito. O que não cabe ao filósofo é julgar erroneamente o pensamento alheio, já que a filosofia é uma disciplina que leva à reflexão, para que possa haver uma discussão e um consenso entre as partes.

No “*Dicionário Básico de Filosofia*” encontra-se a seguinte definição:

Atribui-se a Pitágoras a distinção entre Sophia, o saber, e a philosophia, que seria a ‘amizade do saber’, a busca do saber. Com isso se estabelece, desde sua origem, uma diferença de natureza entre a ciência, enquanto saber específico, conhecimento sobre um domínio real, e a filosofia que teria um caráter mais geral, mais abstrato, mais reflexivo, no sentido da busca dos princípios que tornam possível o próprio saber. O termo ‘filosofia’ foi freqüentemente usado para designar a totalidade do saber.”¹

A filosofia sempre foi muito utilizada, na Idade Média chegou a ser considerada como serva da Teologia, já que essa é ligada à religião e nesse período o poder girava em torno da Igreja.

Hoje existe uma união entre a filosofia e as demais ciências, há um elo entre elas, fazendo com que haja um questionamento, uma reflexão a todo momento, não importando qual seja o assunto em destaque. A todo instante, e cada vez mais, deve-se perceber a importância desse elo de ligação, pois isso faz com que seja notada a importância de tal disciplina.

¹ MARCONDES, Danilo e JAPIASSU, Hilton. Dicionário Básico de Filosofia.

O “Aurélio” conceitua Filosofia como o estudo que se caracteriza pela intenção de ampliar a compreensão da realidade, no sentido de apreende-la na sua totalidade.²

É um conhecimento, uma forma de saber, busca conhecer informações válidas e ordenadas, mas difere-se das demais ciências, porque estas têm seu conceito global e sua área de conhecimento é delimitada, ao passo que a Filosofia não tem um conceito global, nem tampouco, restringe o conhecimento, deixa sempre uma abertura, para que possa se conhecer mais a cada instante, em todos os momentos da vida.

É difícil encontrar uma definição genérica de filosofia, pois esta definição varia tanto de filósofo para filósofo, quanto de corrente ou doutrina filosófica, como também dependendo do período histórico. Pode ser uma especulação infinita e desregrada em torno de qualquer assunto ou questão, dependendo do autor, pois cada pessoa tem direito ao pensamento livre.

Ela pode não resolver os problemas, mas está sempre pronta a sugerir questões e propor problemas, questionar, fazer perguntas cujas respostas não têm tamanho interesse ou importância, com o fim de estimular a reflexão, aguçar a curiosidade. Pode ser considerada como “ginástica do pensamento”, desde que seja vista como exercício e adestramento do mesmo.

Segundo os pensadores Immanuel Kant e Hegel, o papel da Filosofia é oferecer premissas para a devida proposição do problema do conhecimento e a caracterização e definição do conhecimento do conhecimento.³

Como já se pode perceber, a filosofia é dotada de questionamentos, esses têm por finalidade levar a pessoa a refletir. Entre estes questionamentos existem alguns que até hoje não conseguiram encontrar a resposta clara e definitiva, como por exemplo, as questões consideradas como base da filosofia que são: “Quem sou?”, “De onde vim?”, “Para onde vou?”

² FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio.

³ PRADO JR, Caio. O que é Filosofia, pág. 77.

É comum ouvir a pergunta: “O que a Filosofia estuda?” É uma questão um pouco complicada e difícil de encontrar a resposta. Muitos filósofos dizem que ela estuda tudo. Mas será esta uma verdade incontestável? Para Aristóteles, ela estuda as causas últimas de todas as coisas. Descartes diz que ensina a bem raciocinar. Hegel a concebe como saber absoluto. Assim como esses existem vários, cada um tem sua idéia própria sobre esta questão.

Como se sabe, filosofia é conhecimento, ela se ocupa dos mesmos objetos que as ciências. Só que existe uma diferença básica entre elas. A ciência tem uma definição exata e uma área de estudo específica, ao passo que a filosofia não tem, e nem pode com certeza dizer o que é certo ou errado. Ela leva o homem a pensar, raciocinar, tirando disso induções, e não conclusões, respostas prontas. E o homem deve se lembrar sempre que já é filósofo por natureza.

“O homem já é filósofo por natureza, pois não se contenta em viver o momento presente e aceitar passivamente as informações fornecidas pela experiência imediata, como ocorre com os animais”.⁴

A diferença básica é que a ciência estuda uma área específica, enquanto a filosofia se ocupa da totalidade de temas.

O QUE É CIÊNCIA?

Sua origem vem do latim *scientia*, que significa saber, conhecimento. A palavra ciência teve durante muito tempo um sentido forte que quase desapareceu na nossa época com o desenvolvimento das “ciências”.

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa é “conhecimento, saber que se adquire pela leitura e pela meditação; conjunto de conhecimentos coordenados relativamente a determinado objeto”.⁵

⁴ MONDIN, Batista. Curso de Filosofia.

⁵ BUENO, Francisco da Silveira. Dicionário Escolar da Língua Portuguesa.

Kant considera a ciência como aquilo que é objeto de uma certeza apodítica⁶; porém, ele define a ciência em geral como sendo qualquer doutrina que forme um sistema, quer dizer, qualquer conjunto de conhecimento segundo princípios.

No dicionário de Filosofia encontramos a mesma como “um saber metódico e rigoroso, vale dizer, um conjunto de conhecimentos metodicamente adquiridos, mais ou menos sistematicamente organizados e suscetíveis de serem transmitidos por um processo pedagógico de ensino”.⁷

É uma modalidade de saber constituída de um conjunto de aquisições intelectuais, que tem por finalidade propor uma explicação racional e objetiva da realidade. É a forma de conhecimento que aproxima-se do real para explica-lo de modo racional e objetivo, e estabelecer relações universais e necessárias, autorizando a previsão de resultados, onde as causas sejam detectadas pela experiência. O conhecimento que pode tornar-se duvidoso, não pode ser chamado de Ciência.

Para Kant, o conhecimento científico não constitui um conhecimento das coisas em si, do real nele mesmo, pois torna-se conhecimento apenas dos fenômenos. Para Aristóteles, é o grau máximo da certeza, é conhecimento demonstrativo, e este é o conhecimento da causa de um objeto, conhece-se porque o objeto não pode ser diferente do que é. Exclui a idéia de que possa haver ciência do não necessário.

A ciência não pode ser considerada como um saber absoluto e puro, que seria totalmente transparente. Não constitui um mundo a parte, isolado, onde os cientistas fariam suas pesquisas puras desinteressadas, onde os mesmos estariam preocupados somente com a busca do conhecimento verdadeiro. Eles trabalham para construir conhecimentos rigorosos, racionais e objetivos, testam suas teorias confrontando com a experiência. Só que na prática as coisas não são bem assim, nem sempre dão certo e nem possuem aquela transparência e objetividade.

⁶ Apodítico → evidente, convincente; demonstração de uma verdade.

⁷ MARCONDES, op. cit.

A expressão “a ciência” designa os progressos da ciência moderna. A ciência desempenha o seu papel não reconhecendo outro “se”, outra realidade, senão aquela que encerra nas suas fórmulas. Não se pode confundir “a ciência” com “as ciências”, essa última vem a ser disciplinas como aritmética, geometria, direito entre outros, enquanto a primeira é o conhecimento de leis gerais, aplicáveis ao seu objeto.

O saber científico se desenvolve de modo autônomo, e não mais como um momento do caminho da sabedoria: é ele que torna o homem mestre e possuidor da natureza. O papel da filosofia é procurar as raízes e o fundamento do conhecimento realizado pela ciência.

Pode-se dizer que a ciência é uma introdução à filosofia. Seus conceitos exigem ser justificados pela filosofia; por isso, a ciência é a mediação entre o sensível e o discurso absolutamente verdadeiro, que é o da filosofia.⁸

A ciência e a filosofia não têm o mesmo objeto formal. Sem dúvida, de um ponto de vista material, ambas se aplicam ao mesmo objeto: o mundo e o homem (objeto material). Mas cada disciplina estuda este objeto comum sob um aspecto que lhe é próprio (objeto formal). A ciência se ocupa da determinação das leis dos fenômenos. A filosofia quer conhecer a natureza profunda das coisas, suas causas supremas e seu fim último: visa propriamente, em todas as suas partes, ao conhecimento do que ultrapassa a experiência sensível (os fenômenos), e do que só é acessível à razão. Se, então, a filosofia é verdadeiramente uma ciência universal, o é enquanto tende a conhecer, não tudo, como pensavam os antigos gregos, mas os primeiros princípios de tudo.

Vê-se por conseguinte, que uma explicação científica não é uma explicação filosófica, e essa, por sua vez, não é uma explicação científica. Os problemas da ciência não são os mesmos da filosofia: o encadeamento dos fenômenos, como a ciência os visa a descobrir, deixa inata a questão da natureza

⁸ MARCONDES, op. cit.

profunda das coisas, de seu valor e seu fim, e o conhecimento das essências, dos valores e dos fins não nos saberia dar a ciência ligações fenomenais.

Ciência, na linguagem teológica, é o termo mais usual para designar o conhecimento que Deus tem do mundo.

A ciência desempenha o seu papel não reconhecendo outro ser, outra realidade, senão aquela que encerra suas fórmulas⁹. Só há ciência quando sabemos que as coisas não podem ser de outra maneira; a ciência diz respeito ao necessário e ao eterno, nunca muda e nem acaba.

O QUE É TECNOLOGIA?

As tecnologias invadem o nosso cotidiano. Essa é uma das frases mais utilizadas hoje em dia para se referir aos equipamentos com os quais lidamos em nossas atividades rotineiras. Pensadores contemporâneos e a mídia em geral falam que estamos em plena “sociedade tecnológica”.

Mas como podemos conceituar tecnologia? Maria Tereza Camargo Biderman diz que é o estudo das técnicas, dos instrumentos, do maquinário e dos materiais para aplicação prática e industrial. Os cientistas querem, através da moderna tecnologia espacial, chegar a conhecer outros planetas.¹⁰ O progresso científico provocou um grande avanço tecnológico nos últimos anos. Várias indústrias estão investindo no desenvolvimento tecnológico brasileiro.

Quando se fala da maneira como utilizar cada ferramenta para realizar determinada ação, refere-se à técnica. Esta pode ser definida como “conjunto dos procedimentos bem definidos e transmissíveis, destinados a produzir certos resultados considerados úteis”¹¹.

⁹ LALANDE, André. Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia.

¹⁰ Idem.

para fabricarem seus instrumentos, seus materiais de uso. Esses materiais eram usados para superar suas fragilidades físicas em relação às épocas de animais.

O homem primitivo contava com apenas duas ferramentas naturais para a construção de seus materiais, e essas ferramentas eram únicas dele: o cérebro e a mão-criadora. Hoje ele já conta com uma enorme variedade de recursos.

CRIAÇÃO DO HOMEM

Como foi visto anteriormente, o homem está convivendo com a tecnologia desde o início de sua existência, e cada vez mais ele sente necessidade de mais inovações, com isso ele cria novas máquinas, novos aparelhos para facilitar sua vida.

A cada necessidade que surge, surgem também os recursos que as satisfaçam. Por exemplo: a invenção dos meios de transporte, surgiu quando o homem queria se locomover mais rapidamente; os meios de comunicação, como telefone, correspondências, da necessidade de receber ou passar notícias a uma pessoa que se encontra distante ou que não é possível encontra-la naquele momento. Assim como essas, várias outras criações foram e continuam sendo criadas pelo homem.

Atualmente, o homem criou várias máquinas para tornar o serviço mais prático e rápido, e realmente foi isso que aconteceu, agilizou o serviço e houve até mesmo contenção de gastos, aumentando seu capital financeiro. Só que como todas as coisas, essa também tem seu lado ruim. Como essas máquinas estão realizando todo o serviço, surge aí o grande número de sem teto, desempregados, pessoas passando fome. Essa é a dura realidade com a qual temos que conviver com as conseqüências da "era tecnológica".

Antigamente, era normal se chegar a uma empresa e encontrá-la cheia de operários, de funcionários, muitas pessoas trabalhando e garantindo com aquele serviço o sustento da família, hoje, encontramos essas mesmas empresas mais ágeis, só que ao invés de funcionários, encontramos máquinas. Mesmo nos bancos, parte dos funcionários foram substituídos pelos conhecidos "caixa rápido". Sinal do avanço da tecnologia, serviço rápido e fácil, evitando assim horas e horas que se enfrentavam nas filas.

CAPÍTULO II TRANSIÇÕES

DO MITO PARA O LOGOS

O surgimento do pensamento filosófico-científico na Grécia antiga, por volta do séc. VI a.C. é visto como uma ruptura com o pensamento mítico, já que a realidade passa a ser explicada a partir da consideração da natureza nela própria, a qual pode ser conhecida racionalmente pelo homem, podendo essa explicação ser objeto de crítica e reformulação, daí a oposição tradicional entre mito e logos.

A explicação através do Mito

O mito é uma narrativa sobre a origem de alguma coisa. A palavra mito vem do grego, “mythos”, e deriva de dois verbos: do verbo “mitheyo” (contar, narrar, falar alguma coisa para os outros) e do verbo “mitheo” (conversar, contar, anunciar, nomear, designar). Quem narra o mito? O poeta. Acredita-se que o poeta é um escolhido dos deuses, que lhe mostram acontecimentos passados e permitem que ele veja a origem de todos os seres e de todas as coisas para que possa transmiti-la aos ouvintes. Sua palavra – o mito – é sagrada porque vem de uma revelação divina. O mito é, pois, incontestável e inquestionável.

Muito já se ouviu falar sobre a palavra mito ou mitologia. Mas o que significa a palavra mito?

Mito é narrativa lendária, pertencente à tradição cultural de um povo, que explica através do apelo ao sobrenatural, ao divino e ao misterioso, a origem do universo, o funcionamento da natureza e a origem e os valores básicos do próprio povo.¹

¹ MARCONDES, op. cit.

Por mitologia compreende-se o estudo ou interpretação dos mitos, de sua origem e de seu sentido, do ponto de vista filosófico, antropológico e cultural.

Na Antiguidade clássica, o mito é considerado um produto inferior ou deformado da atividade intelectual. A ele era atribuída uma certa semelhança com a verdade, enquanto que a verdade pertencia aos produtos genuínos do intelecto.²

De maneira geral, os estudiosos se inclinam a entender as concepções míticas como etapa da construção de uma religião organizada ou como passagem para a reflexão filosófica. No que diz respeito ao primeiro ponto se tem assinalado com freqüência a proeminência do contexto religioso do mito. Entre as preocupações comuns à mitologia e à religião se encontram não só a origem dos deuses (teogonias), do mundo (cosmogonias) e do homem, como também a sobrevivência após a morte, a justificação dos preceitos morais e os ritos.

Na realidade, mito e religião constituem duas abordagens paralelas do transcendente. O mito inclui atitudes – religiosas, históricas, folclóricas e sociais – com as quais pretende explicar, de forma espontânea e imediata, aspectos da realidade inapreensível para a razão. Já a religião apresenta uma mensagem mais concreta, nascida geralmente da revelação divina e pelo menos teoricamente acessível à razão.

A observação precedente permite também uma primeira representação das divergências entre mito e filosofia, que se apóiam fundamentalmente no caráter racional e crítico da segunda. Assim, alguns antigos relatos cosmogônicos gregos remetiam a origem do mundo ao oceano, talvez com base na observação cotidiana e intuitiva de que a água era imprescindível para a vida. Mas quando Tales de Mileto, filósofo pré-socrático do século IV a.C., afirmou que a água constituía o arké, origem de todo o existente, deu um passo decisivo na direção do pensamento: despersonalizou a origem da natureza, que não mais era atribuída a um deus e sim a um elemento natural, e, ao mesmo tempo, expressou um raciocínio dedutivo,

² ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia.

segundo o qual todos os elementos da realidade podiam formar-se a partir de uma única fonte.

Os mitos não são apenas tentativas de penetrar nos mistérios da natureza física ou da ordem sobrenatural, mas também produtos de determinadas circunstâncias históricas e sociais. Para fortalecer essa afirmação estariam as incontestáveis lendas sobre heróis epônimos³ ou civilizadores, bem como, quase sempre, a própria composição específica dos panteões divinos: a descrição e atribuições conferidas aos deuses respondem geralmente ao modelo social – caçadores, nômades e agricultores – das culturas que os criaram. Por exemplo, a tendência dos povos de origem indo-européia de estabelecer uma tríade suprema de deuses encarna a divisão tradicional entre as classes religiosa, guerreira e camponesa.

A relação homem-deuses tem um duplo caráter. De um lado, valorizava o homem, na medida em que humanizava os deuses que tinham forma e sentimentos humanos e na medida em que a ele cabiam as ações que possibilitavam o desenvolvimento pleno de suas virtudes. De outro lado, estabelecia uma dependência dos homens em relação aos deuses, que eram vistos como imortais e com poderes para interferir nas vidas humanas. Se isso submetia, de uma certa forma, o homem às divindades, também dava significado à vida humana que passava a ser vista como tendo uma certa razão de ser.

Outro aspecto que marcou a relação homem-deuses, nos mitos, foi a busca da compreensão do Universo e de seus fenômenos, por meio da ordenação dos deuses que passaram a ser vistos como existindo dentro de uma certa ordem e segundo uma hierarquia que limitava seus poderes sobre a vida humana.

Tais mitos, chamados cosmogônicos ou teogônicos, buscavam descrever a ordem do Universo, do Cosmos, que era visto como surgindo a partir do Caos.

³ epônimo → o poeta, o sábio, que dava nome a uma era, a uma cidade.

Em verdade, no princípio houve Caos, mas depois veio Gaia (Terra) de amplos seios, base segura para sempre oferecida a todos os seres vivos, [para todos os Imortais, donos dos cumos do Olimpo nevado, e o Tártaro (Abismo) brumoso, no fundo da Terra de grandes sulcos] e Eros, o mais belo entre os deuses imortais, o persuasivo que, no coração de todos deuses e homens, transtorna o juízo e o prudente pensamento.⁴

De Caos nasceram Érebo (treva) e a negra Noite. E da Noite, por sua vez, saíram Éter e Dia [que ela concebeu e deu à luz unida por amor a seu irmão Érebo.] Gaia logo deu à luz um ser igual a ela própria, capaz de cobri-la inteiramente – Urano (Céu constelado) que devia oferecer aos deuses bem-aventurados uma base segura para sempre. Ela pôs também no mundo os altos Montes, agradável morada das Ninfas, habitantes de montanhas e vales. Ela deu à luz também a Ponto (Mar) de furiosas ondas, sem a ajuda do terno amor. (...)

Todos os que nasceram de Gaia e Urano, os filhos mais terríveis – o seu pai lhes tinha ódio desde o nascimento. Logo que nascia, em lugar de os deixar sair para a luz, Urano escondia todos no seio da Terra e, enquanto ele se deleitava com esta má ação, a imensa Gaia gemia, sufocada nas suas entranhas por seu fardo. Ela imagina então uma artimanha cruel: produz uma espécie de metal duro e brilhante. Dele faz uma foice grande, depois confia seu plano a seus filhos. Para excitar sua coragem, lhes diz, com o coração cheio de aflição: “Filhos saídos de mim e de um pai cruel, escutai meus conselhos e nós nos vingaremos de suas maldades, pois, mesmo sendo vosso pai, ele foi o primeiro a maquinar atos infames”. (Hesíodo, Teogonia, 116-132, 153-210)⁵

No mito a noção de origem confunde-se com nascimento e a noção de produzir com a de gerar, assim, a explicação do devir assentava na imagem mítica da união sexual. Por meio de nascimentos sucessivos, frutos da união de forças qualitativamente opostas ou do confronto de tais forças, estabelecia-se a ordem no mundo e entre os deuses. O mundo dos deuses refletia o mundo dos homens e, pela racionalização dos deuses e dos mitos, estabelecia-se uma racionalidade para a vida humana.

⁴ ANDERY, Maria Amália et all. Para Compreender a Ciência. pág. 29.

⁵ ANDERY, op. cit. pág. 30.

A causa que Hesíodo encontrava para o trabalho como tendo sido, a partir de um determinado momento, instituído pelos deuses (como fruto de um ato que era considerado imoral – o roubo), assim como Justiça (Dike), representante de algo tão importante, ser filha de Zeus, o deus maior, também aponta para a busca de uma racionalidade entre os deuses que, em última instância, espelha a racionalidade do mundo, ao mesmo tempo em que a justiça é garante essa racionalidade.⁶

Alguns autores reduzem os mitos a narrativas referentes a tempos arcaicos e elaboradas em épocas pré-críticas, isto é, antes do uso de métodos racionais de estudo e análise. Entendem que o mito tornou-se, com o tempo, mera literatura, embora encontrem dificuldades para estabelecer com precisão quando teria cessado a criatividade mítica. Outros estudiosos, ao contrário, consideram o pensamento mítico uma constante antropológica, complementar ao pensamento racional (e não um estágio "menos evoluído" deste). Apontam, para demonstrá-lo, indícios de que o pensamento mítico está em operação em muitas das manifestações culturais contemporâneas (como a arte). Em convivência com a reconhecida tendência à secularização, que "desmitologiza" os símbolos religiosos, morais ou épicos e os equipara a pura "ilusão", existiria uma outra, responsável pela produção de novos mitos ou, mais exatamente, novas formas simbólicas dos temas míticos tradicionais.

O pensamento racional e científico não seria, portanto, um "desmascarador" de mitos e substituto do pensamento mítico, mas pode ser capaz de reconhecer sua atualidade. Enquanto a astronomia, com suas descobertas, esvaziou os céus, antes povoados de deuses, a sociologia e a psicologia descobriram forças que se impõem ao pensamento e à vontade humana, e portanto, atuam e se manifestam de modo autônomo. Se uma das características fundamentais do pensamento mítico é efetivamente a aceitação acrítica das narrativas e explicações que ele produz, será então extremamente difícil que uma sociedade reconheça seus próprios mitos como tais, pois isso significaria considerá-los de um ponto de vista crítico, de forma que eles passariam a ser vistos como mera ficção ou, se aceitos como verdadeiros, tornar-se-iam valores morais,

⁶ ANDERY, op. cit. pág. 31.

religiosos ou éticos. Em qualquer caso, existe uma resistência individual e social a "desmascarar" o mito e a considerá-lo em seu caráter de linguagem simbólica.

Quando Augusto Comte, filósofo francês do século XIX e fundador do positivismo, explica a evolução da humanidade com a teoria dos três estados, define a maturidade do espírito humano pelo abandono de todas as formas míticas e religiosas. Com isso privilegia o fato positivo, ou seja, o fato objetivo, que pode ser medido e controlado pela experimentação.

Essa posição opõe radicalmente o mito à razão, ao mesmo tempo que inferioriza o mito como tentativa fracassada de explicação da realidade. Ao criticar o mito, o positivismo se mostra reducionista, empobrecendo as possibilidades de abordagens do mundo abertas ao homem. A ciência é necessária, mas não é a única interpretação válida do real, nem é suficiente. Quando exaltada, faz nasce o mito do cientificismo: a crença na ciência como única forma de saber possível é geradora de outros mitos também prejudiciais, como o do progresso, cujo fruto mais amargo é a tecnocracia, e os da objetividade e neutralidade científicas.

Contrariando o positivismo, é necessário recuperar o mito, hoje, em sua importância como forma fundamental de todo viver humano. Ele é a primeira leitura do mundo, e o advento de outras abordagens do real não retira do homem aquilo que constitui a raiz de sua inteligibilidade. O mito é o ponto de partida para a compreensão do ser.

Em outras palavras, tudo o que pensamos e queremos se situa inicialmente no horizonte da imaginação, nos pressupostos míticos, cujo sentido existencial serve de base para todo o trabalho posterior da razão.

O mito propõe todos os valores puros e impuros. Não é da sua atribuição autorizar tudo o que sugere. Nossa época conheceu o horror do desencadeamento dos mitos do poder e da raça, quando seu fascínio se exercia sem controle. A sabedoria é um equilíbrio. O mito propõe, mas cabe à consciência dispor. E foi talvez porque um racionalismo estreito demais fazia profissão de desprezar os mitos, que estes, deixados sem controle, tornaram-se loucos.

O homem moderno, tanto quanto o antigo, não é só razão, mas também afetividade e emoção. Se a ciência é importante e necessária à nossa construção do mundo, não oferece a única interpretação válida do mundo real. Negar o mito é negar uma das formas fundamentais da existência humana. O mito é a primeira forma de dar significado ao mundo: fundada no desejo de segurança, a imaginação cria histórias que nos tranquilizam, que são exemplares e nos guiam dia a dia.

Hoje os meios de comunicação de massa trabalham em cima dos desejos e anseios que existem na nossa natureza inconsciente e primitiva. Assim vemos que mito e razão se complementam em nossas vidas. Só que o mito de hoje, se ainda tem forças para inflamar paixões, como no caso das estrelas de cinema e TV, políticos e religiosos, não se apresenta mais com o caráter existencial que tinha o primitivo. Parece que houve uma especialização dos mitos. Cabe a cada um de nós escolher quais são nossos modelos de vida.

Encontra-se uma rivalidade ou uma aliança entre os deuses que faz surgir alguma coisa no mundo, temos um mito que faz surgir alguma coisa no mundo, temos um mito que narra uma guerra entre os deuses e suas conseqüências para a humanidade. Quem obedece ou desobedece aos deuses pode ser recompensado ou castigado, respectivamente. A origem dos males foi explicada através do mito da caixa de Pandora, segundo o qual uma caixa contendo coisas maravilhosas teria sido entregue a uma encantadora mulher, Pandora. Enviada aos humanos, e movida pela curiosidade, Pandora abriu a caixa e dela saíram as pestes, doenças, guerras e até a morte.

A Racionalidade (Logos)

Na cultura da chamada sociedade ocidental, a palavra razão origina-se de duas fontes: a palavra latina *ratio* e a palavra grega *logos*.

Logos vem do verbo legein, que quer dizer: contar, reunir, juntar, calcular. Ratio vem do verbo reor, que quer dizer: contar, reunir, medir, juntar, separar, calcular.⁷

Quando juntamos, separamos, contamos e calculamos, estamos pensando de modo ordenado, e para isso usamos palavras. Por isso dizemos que logos ou razão, significam pensar e falar ordenadamente, com clareza e de modo compreensível para outros. Podemos dizer que razão é a capacidade intelectual para pensar e exprimir-se correta e claramente, para pensar e dizer as coisas tais como são.

A doutrina do Logos como substância ou causa do mundo foi defendida pela primeira vez por Heráclito: "Os homens são obtusos com relação ao ser do Logos, tanto antes quanto depois que ouviram falar dele; e não parecem conhecê-lo, ainda que tudo aconteça segundo o Logos". O Logos é concebido por Heráclito como sendo a própria lei cósmica: "Todas as leis humanas alimentam-se de uma só lei divina: porque esta domina tudo o que quer e basta para tudo e prevalece a tudo".

Para Platão, o logos é a sentença predicativa que expressa uma qualidade essencial de algo. Para Aristóteles é a sentença que pode ser verdadeira ou falsa, e que manifesta ou expressa o pensamento. Para os estóicos é um princípio divino, criador, ativo, do qual toda realidade depende.⁸

O histórico da busca de uma realidade inteligível, "a porta para o logos", é envolvida pelo mito. Desde o século VI a.C., os gregos estavam a procura de uma substância primária, de um material básico do qual, segundo argumentavam, todas as coisas haviam se desenvolvido. Segundo Tales o material básico era um líquido claro; Anaxímenes pensava que era um gás incolor e Anaximandro julgava que fosse alguma substância indeterminada, ilimitada e imperecível.

Tales, Anaximandro, Anaxímenes

Os principias pensadores da escola de Mileto.

⁷ CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia. pág. 58.

⁸ As frases acima foram colhidas do Dicionário Básico de Filosofia.

Tales acreditava ser a água o elemento primeiro, e é por isso que declarou também que “a terra assenta sobre a água”.

Anaximandro não identificava a origem em nenhum elemento observável, mas em elemento indeterminado, do qual se formariam todos os demais elementos e ao qual voltariam, o que possibilitava a suposição da criação infinita de mundos sucessivos: “Diz que este não é a água nem algum dos chamados elementos, mas alguma natureza diferente, ilimitada, e dela nascem os céus e os mundos neles contidos”⁹.

Anaxímenes propunha como origem de todas as coisas um elemento ilimitado mas sensível – o ar – e especificava os processos pelos quais desse elemento se originavam todos os fenômenos, a multiplicidade: “rarefazendo-se, torna-se fogo; condensando-se, vento, depois, nuvem, e ainda mais, água, depois terra, depois pedras, e as demais coisas provêm destas”¹⁰.

Ruptura com o mito, mesmo mantendo, em suas explicações, elementos de estrutura mítica (como por exemplo, a busca da origem do universo em uma unidade), introduziram aspectos que possibilitaram a elaboração do pensamento racional.

Eleger a natureza em seu próprio âmbito como o tema a ser investigado e como a fonte das respostas é o aspecto que marca a ruptura com o mito: “Tudo o que é real é Natureza”.

Pitágoras

Deu origem a um movimento não só intelectual, mas também político e religioso que teve influência no pensamento grego posterior.

Na busca da compreensão dos fenômenos do mundo, Pitágoras, como os primeiros pensadores jônios, procurou explicar como se compunham o mundo e

⁹ ANDERY, op. cit. pág. 37.

¹⁰ ANDERY, op. cit. pág. 38.

as coisas nele existentes e, tal como eles, chegou a um elemento como base de todos os fenômenos, só que, nesse caso, esse elemento era o número. Para os pitagóricos, o universo e todos os seus fenômenos eram formados por números.

O número não era visto como um símbolo, mas sim como o elemento que compunha a estrutura dos fenômenos da natureza.

A noção de número, ligada à existência dos fenômenos, não afastava necessariamente do contato direto com os objetos de estudo e, em função de suas características próprias – elemento não sensível –, implicava a valorização das razões na produção do conhecimento.

Heráclito

Concebia o universo e todos os seus fenômenos como uma unidade, por isso, a afirmação de que “tudo é um”. A unidade só existe enquanto processo, a unidade, não vista como algo que permanece na imutabilidade, só permanece enquanto movimento de transformações contínuas:

*“O deus é dia, noite, inverno, verão, guerra, paz, saciedade, fome; mas se alterna como o fogo, quando se mistura a incensos, e se domina segundo o gosto de cada”.*¹¹

O logos como razão humana era partilhado por todos os homens e a todos os homens permitia conhecer, tanto o universo como a si mesmos: comum é a todos o pensar. É voltada para o conhecimento do real.

A filosofia, ao nascer, é uma explicação racional sobre a origem do mundo e sobre as suas causas, das transformações e repetições das coisas.

A filosofia, percebendo as contradições e limitações dos mitos, foi reformulando e racionalizando as narrativas míticas, transformando-as numa outra coisa, numa explicação inteiramente nova e diferente.

¹¹ ANDERY, op. cit. pág. 46.

O mito não se importava com as contradições, com o fabuloso e o incompreensível. A filosofia, ao contrário, não admite contradições, fabulação e coisas incompreensíveis, mas exige que a explicação seja coerente, lógica e racional; além disso, a autoridade da explicação não vem da pessoa do filósofo, mas da razão, que é a mesma em todos os seres humanos.

DO CONTEMPORÂNEO PARA O TECNOLÓGICO

Como já foi dito, vive-se hoje na “era tecnológica”, com muitos equipamentos para facilitar a vida dos seres humanos.

Cientistas apresentaram a energia nuclear como a fonte energética do futuro: confiável, limpa e barata. Hoje existe de forma irremediável, a consciência de que a energia nuclear não é segura, nem limpa e nem barata. Assim também, como foi passado que as armas nucleares trariam segurança, mas ao contrário, aumentam a probabilidade de uma destruição global, como se pode perceber nos desastres nucleares de Chernobyl, em 1986, e o acidente com o Césio 137 em Goiânia, considerados como os grandes acidentes nucleares da história da humanidade.

Nossas principais cidades estão cobertas por camadas de smog¹² sufocante, cor de mostarda. Aqueles dentre nós que vivem em cidades podem perceber isso todos os dias, na ardência dos olhos e na irritação dos pulmões. Em Los Angeles, de acordo com uma declaração de sessenta docentes da Escola Médica da Universidade da Califórnia, “a poluição atmosférica tornou-se agora um importante risco para a saúde da maioria das pessoas desta comunidade, durante a maior parte do ano”.¹³

Essa contínua poluição do ar não só afeta os seres humanos, como também atinge os sistemas ecológicos. Ataca e mata plantas, e essa alteração na vida vegetal pode levar a drásticas mudanças na população animal que depende

¹² smog: combinação de fumaça e nevoeiro.

¹³ CAPRA, Fritjof. O Ponto de Mutação. pág. 21.

das plantas. Esse smog não é encontrado somente nas grandes cidades, está disperso por toda a atmosfera da Terra e pode afetar gravemente o clima global.

O envenenamento químico passa a fazer parte, cada vez mais, de nossa vida. Além disso, as ameaças à nossa saúde através da poluição do ar, da água e dos alimentos constituem meros efeitos diretos e óbvios da tecnologia humana sobre o meio ambiente natural. Efeitos menos óbvios mas possivelmente muitíssimo mais perigosos só recentemente foram reconhecidos, e ainda não foram compreendidos em toda a sua extensão.¹⁴

A dinâmica própria dos principais problemas de nosso tempo o câncer: o crime, a poluição, o poder nuclear, a inflação, a carência de energia é sempre a mesma. Vive-se uma época de mudança dramática e potencialmente perigosa, um ponto de mutação para o planeta como um todo. É necessário uma nova visão da realidade, que permita que as forças que estão transformando o mundo possam fluir como um movimento positivo de mudança social.

É indiscutível que, após o homem ter se preocupado com a melhoria da qualidade de seu viver, proporcionou facilidades nos vários setores de sua vida. Para isso, criou a tecnologia e, com o passar do tempo, essa tecnologia entrou em processo contínuo e constante de transformação e evolução.

Esse processo fez com que desencadeasse a ocorrência de grandes problemas com relação à poluição e à devastação do meio ambiente, de início com proporções locais que com o passar dos tempos foram se tornando globais. A incidência de desmatamento, poluição ambiental, lixo e outros, tem ocasionado diversos males ao meio ambiente e até mesmo ao próprio homem, sendo todas essas conseqüências provenientes da tecnologia humana.

Nos últimos anos, houve e continua havendo uma preocupação cada vez maior dos cientistas quanto aos problemas ocasionados pela tecnologia. Diversas são as instituições, como por exemplo o Greenpeace, que atua em todo o mundo para lidar com esses problemas. O maior avanço é que agora tem-se uma

¹⁴ CAPRA, op. cit. pág. 21.

tendência em inovações tecnológicas sem o impacto direto com o meio ambiente, havendo assim uma coexistência harmônica entre tecnologia e meio ambiente.

As medidas de contenção da poluição e devastação da natureza vieram após o início da Revolução Industrial, que pode ser considerada o maior avanço tecnológico de toda a história da humanidade.

Com a produção mecanizada e os novos métodos de obtenção de energia se impactaram com a natureza, fonte de extração dos recursos que o homem precisava para suprir as necessidades da industrialização. A partir desse fato, houve um incrível descontrole nas taxas de destruição do meio ambiente. O problema chegou ao seu ápice no século XX, quando se tornou incontestável a tomada de medidas emergenciais no que se referia às taxas de devastação mundial.

A tecnologia foi, indiscutivelmente, o principal processo de desenvolvimento humano, à mesma proporção das conseqüências acarretadas negativamente, seqüelas que a raça humana sofrerá futuramente durante sucessivas gerações.

CAPÍTULO III

TECNOLOGIA E FILOSOFIA

CONSCIÊNCIA DA TRANSFORMAÇÃO

Tudo que acontece, transforma, tem que haver consciência de que está sendo uma mudança no mundo. Como exemplo disso pode-se citar o surgimento da polis.

O surgimento de uma nova forma de organização provocou não apenas profundas transformações na vida social, mas também alterações fundamentais nos hábitos e nas idéias. Duas alterações importantes: a primeira – reaparecimento da escrita, século IX a.C.; a segunda – não cabia mais ao rei o comando absoluto na tomada de todas as decisões. Dependiam da discussão e do apoio dos conselhos e até da assembléia.

As leis eram promulgadas e exercidas por aqueles que conheciam a tradição e os mitos e que interpretavam o presente e deliberavam de acordo com a seguinte interpretação:

Mediador dos homens junto aos deuses, o rei é ainda representante dos deuses entre os homens. Ao receber o cetro, recebeu também o conhecimento das thémistes, essas inspirações de origem sobrenatural permitem remover todas as dificuldades e, especialmente, estabelecer a paz interior por meio de palavras justas.¹

A força, a destreza e o heroísmo eram virtudes a serem buscadas e desenvolvidas por homens que já as possuíam por nascimento. A elas se associava a altivez, o direito que alguns possuíam à honra e a serem reconhecidos como tal. Este devia ainda desenvolver seu espírito e, assim, adquirir as capacidades de reflexão. O reconhecimento, por parte da comunidade, das virtudes e honradez de

¹ ANDERY, op. cit. pág. 27.

um homem, e, mais, o reconhecimento público disso, era fundamental como medida desses homens – um homem era tão mais virtuoso quanto mais pudesse demonstrar e encontrar reconhecimento disso entre seus pares.

O trabalho não devia ser visto como uma carga, mas como a forma propriamente humana e absolutamente necessária de se atingir a virtude. Não associava trabalho à acumulação desenfreada de riquezas e não o associava com a miséria do trabalho mal pago, mas apenas com a dignidade da produção de uma existência virtuosa. O direito que assegurava a justiça era de todos os homens, e associado ao trabalho, os trazia de volta a uma ordem natural na qual era possível encontrar uma vida satisfatória e virtuosa.

Usavam moedas que eram trocados por produtos que representavam, também a garantia e o símbolo de autonomia econômica, política e cultural da polis.

As grandes propriedades de terra em que se produzia boa parte dos produtos agrícolas comercializados, se concentravam nas mãos da aristocracia, que aumentava seus domínios por meio da obtenção de novas terras de pequenos proprietários endividados. Na economia monetária, os laços políticos tornaram-se, cada vez mais, laços entre aqueles que detinham a riqueza monetária.

Ao lado dessas diferentes camadas sociais, cresceu bastante o número de escravos que eram usados tanto na produção agrícola como na produção de artigos artesanais. Por um lado, o aumento e a generalização do trabalho escravo levaram o aviltamento² dos ganhos e das condições de vida desses setores e ao agravamento das lutas entre os ricos e as camadas intermediárias e desprovidas. Por outro lado, foi essa larga utilização do trabalho escravo que permitiu aos cidadãos se liberarem do trabalho produtivo que passou a ser executado, fundamentalmente, pelos escravos.

As diferenças de interesses econômicos e políticos levaram à necessidade de que também as camadas intermediárias, os pequenos proprietários,

² aviltamento: humilhação, rebaixamento.

os artesãos e os trabalhadores livres se organizassem em partidos e passassem a reivindicar reformas que atendessem a seus interesses.

As crises deram origem, também, as tentativas de cunho propriamente político. Destacam-se, entre as reformulações então realizadas: libertação das pessoas escravizadas por dívidas, liberação das terras perdidas por dívidas, abolição da escravidão por dívidas, abolição do direito de progeneração³, regulamentação dos direitos políticos e dos encargos, segundo a riqueza e não mais segundo a origem nobre, e extensão do direito do voto, na Assembléia, a todos os cidadãos.

Reivindicação por leis escritas, como forma de garantir que fossem conhecidas por todos e como forma de fugir do arbítrio dos oligarcas, que as interpretavam subjetivamente e de acordo com seus interesses.

A identidade política e econômica da polis levou ao desenvolvimento da noção de cidadania e democracia, sendo o cidadão responsável pela participação ativa nas decisões e organizações da sociedade.

O desenvolvimento da polis constituía, assim, fator fundamental para o nascimento do pensamento racional: criava as condições objetivas para que, partindo do mito e superando-o, o saber fosse racionalmente elaborado e para que alguns homens pudessem se dedicar à elaboração do saber.

CONSCIÊNCIA DA MUDANÇA E CRIAÇÃO DE UM NOVO CONCEITO DE MUNDO

Ao parar um pouco para pensar em como se pode denominar esse momento em que se vive hoje, fatalmente se deparará com coisas do tipo “era digital”, “novas tecnologias”, “cibercultura”, “era eletrônica”, “informatização”, “telemática”, “cibernética”, “automatização”, “revolução tecnológica”. Não importa o

³ Progeneração → ascendência, geração, prole

nome que se dê, o fato é que desde que o homem utilizou-se pela primeira vez da tecnologia na tentativa de facilitar seu dia-a-dia, o mundo vem passando por profundas e irreversíveis transformações.

Mas como e quando tem início essa relação homem-tecnologia? Em que circunstâncias isso ocorreu e quais as conseqüências dessa relação na vida social?

Para compreender essas metamorfoses que marcaram a trajetória do Homo Sapiens e principalmente as que marcaram o século XXI e dão origem ao mais que pós-moderno Homo Cibernéticus⁴, faz-se necessário que se verifique os caminhos que se percorrem até o presente momento. Então poderá observar que, diferente do que se costuma imaginar, a relação homem/tecnologia iniciou-se não muito atualmente, mas sim, desde que o mundo é mundo.

A fase "Muscular Motor", constitui a primeira manifestação significativa da utilização da máquina pelo ser humano e caracteriza-se basicamente pelo uso dessa na substituição da força muscular do homem. Tem início com a invenção da catapulta e estende-se até o surgimento das máquinas a vapor no século XVIII.

Na fase "Sensório Motor", os sentidos humanos especializados (*visão, audição...*) são *ampliados/extendidos pelas máquinas e aparelhos que simulam seu funcionamento*. O início dessa fase é marcado pela invenção da máquina fotográfica e vai até o século XX.

A fase "Cerebral", caracteriza-se pela empreitada mais ousada do ser humano, que não mede esforços para o desenvolvimento da revolução tecnológica onde o computador funciona como extensão do cérebro humano e constitui aquilo que hoje conhecemos como inteligência artificial. Essa etapa inicia-se a partir do século XX e vem se desenvolvendo e marcando substancialmente os nossos dias.⁵

É de conhecimento público a importância do desenvolvimento da área tecnológica de informática e comunicação. O uso da informática se disseminou em

⁴ www.lectec.hpg.ig.com.br/letec.textaldo.html, data de 13/11/02

⁵ Idem.

todos os tipos de atividades nas últimas décadas, ocorrendo uma grande aceleração desse uso nos anos noventa.

Estabelecendo-se uma análise das etapas acima citada, da relação homem-tecnologia, nota-se que a tecnologia surge na sociedade enquanto consequência das necessidades humanas, como algo inerente à cultura do homem, do seu cotidiano, e não como uma coisa externa.

Tem-se como exemplos de tecnologias, além da catapulta, a máquina a vapor, a máquina fotográfica, a televisão, a energia elétrica, e agora também, no último século, a informática e a internet, que surgiram devido às nossas necessidades sócio-culturais.

O computador transformou a definição de máquina, que era vista até então um artefato mecânico para um dispositivo que trabalha com informações. O computador é o exemplo típico dessas novas máquinas que utilizam pouca energia e muita informação. A capacidade de manipulação de informação é que criou uma analogia do computador e o cérebro. No entanto essa analogia é apenas uma *metáfora*, pois o funcionamento do cérebro ainda é muito pouco conhecido e certamente bem distinto do computador. O computador é digital e o cérebro analógico.⁶

Não é difícil se perceber a emergência no ambiente da internet, de um grande número de novos autores, grupos jovens, ou de autores não tão jovens, mas que se articulam apenas para divulgar sua produção sem ter muito em comum a não ser o desejo de estabelecer um canal eficaz e barato para a distribuição de seu trabalho. Assim como também, os internautas, que estão sempre por ali também, para explorar as criações desses autores.

⁶ FRANCO, Marcelo Araújo. Informática na Educação. www.revista.unicamp.br/infotec/educacao/educacao9-1.html

CONCLUSÃO

Ao concluir este, pude perceber a importância da tecnologia, não só atualmente como desde o princípio da humanidade. Como todas as mudanças ocorridas, esta trouxe muitos benefícios, tornando as coisas mais fáceis, ágil e barato, mas como todas as coisas, também tem seu lado negativo, esse é voltado para a população, a mão-de-obra, pois com tanta evolução, não necessita mais do esforço humano, gerando, então, o desemprego, fome, falta de um lar decente.

A filosofia como sendo a parte da ciência que nos leva a pensar, a refletir constantemente. Pode e deve haver uma ligação com essa tecnologia, que também está evoluindo diariamente. Pois se houver essa mudança tecnológica com o conhecimento, a reflexão, poderemos estar conscientes do que se está acontecendo, e não deixando que essa tecnologia seja levada para o lado negativo e sim que traga grandes benefícios para a humanidade.

A filosofia não tem o intuito de resolver os problemas, mas sua função é fazer surgir questões, fazer perguntas com a intenção de estimular a reflexão, aguçar a curiosidade para que com isso possa vir a conhecer o que está acontecendo. Isso é o que podemos chamar de exercitar o pensamento.

Na época em que estamos vivendo e que podemos chamar de era tecnológica, temos muitos materiais mecanizados, mas não são somente esses que são chamados de tecnologia, pois como já vimos, a fala foi a primeira tecnologia do ser humano, e com ela surgiram várias. A cada dia que passa ela está evoluindo mais e mais, e essa evolução vai acontecendo dia-a-dia.

Pode-se dizer então que a tecnologia pode ser considerada como uma forma de explicação da realidade, pois como a necessidade é a maior motivação, percebendo a necessidade e surgindo a motivação, vão aparecendo as tecnologias para que se possa explicar determinado momento. É fácil perceber essa mudança, percebendo as transições que acontecem, como por exemplo do mito, que explicava

tudo através de histórias, para a era da racionalidade, onde a razão torna-se o centro das coisas, pensamentos, idéias vão surgindo, raciocinando para chegar à conclusões.

Temos também, mais recente, outra transição do moderno ao pós-moderno, que é o que podemos chamar de tecnológica, é comum então encontrarmos a expressão "Homo Cibernéticus", que é o que podemos considerar como a pessoa que torna-se conhecedora da tecnologia, ou melhor, aquele que passa a dominá-la. E como essa tecnologia está aumentando a cada dia, pode acontecer desse Homo Cibernéticus ter o domínio do planeta, pois estará dominando as inovações que estão aparecendo e, provavelmente, ao que possivelmente virão a aparecer.

Podemos perceber esse domínio hoje com o computador e a internet, a pessoa que conhece e domina o computador, passa a dominar também grande parte da humanidade, pois essa é um dos acontecimentos históricos que quem não se integrar no meio, ficará totalmente perdido. Como já ouvimos dizer, quem não conhece nada de informática, pode ser considerado um "analfabeto".

Como já podemos perceber, essa transformação que o mundo vem sofrendo tem seus pontos positivos assim como os negativos, se for ligado à filosofia, para que possa haver reflexão, questionamento sobre o assunto, poderá trazer muitos benefícios, caso contrário, se não houver interesse para que se busque conhecer, a tendência é ir de mal a pior, provavelmente, poucas pessoas com domínio sobre a grande maioria. Essa escolha depende de cada um de nós.

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANDERY, Maria Amália et all. *Para Compreender a Ciência*. 8ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Educ, 1999.

ANJOS, Margarida dos & FERREIRA, Marina Baird. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1993.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Dicionário Contemporâneo de Português*. Petrópolis: Vozes, 1992.

CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação: a Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix.

CHALMERS, Alan. *A Fabricação da Ciência*. São Paulo: UNESP, 1994.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

JAPIASSU, Hilton & MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

LALANDE, André. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PRADO JR., Caio. *O que é Filosofia*. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.

<http://www.letec.hpg.ig.com.br/letec.textaldo.html>, em novembro/2002.

Do Homo Sapiens ao Homo Cibernéticus: uma reflexão sobre a relação homem-tecnologia.

<http://www.revista.unicamp.br/infotec/educacao/educacao9-1.html>, em junho/2002.

FRANCO, Marcelo Araújo. *Informática e poder: uma leitura de Foucault*.

<http://www.acd.ufrj.br/pacc/medo.html>, em junho/2002.

Quem tem medo de tecnologia?